

O canto coral e as práticas
criativas musicais – Uma
abordagem sobre educação
musical no ensino médio no
âmbito da pedagogia Waldorf

Tarita de Souza*

* Tarita de Souza é compositora, cantora, mestranda na Universidade de São Paulo e professora de música da Faculdade Rudolf Steiner.

Resumo

O presente artigo aborda as contribuições da educação musical no ensino médio para o desenvolvimento integral do ser humano, dentro da perspectiva da pedagogia Waldorf. O estudo realizado se deu ao longo de 18 anos, durante os quais a autora atuou como professora de música do Colégio Waldorf Micael, de São Paulo, e se concentra em duas práticas principais: canto coral e atividades de composição e improvisação. Veremos como tais práticas conduzem ao encontro da voz própria, sendo, ao mesmo tempo, um aprendizado de escuta das outras diversas vozes. Para percorrer este caminho fez-se necessário abordar, mesmo que brevemente, o conceito de adolescência, a visão de Rudolf Steiner sobre esta fase específica da vida e os desafios da contemporaneidade.

Palavras-chave: canto coral, práticas criativas, educação musical, pedagogia Waldorf.

Abstract

Choral singing and creative music practices – An approach to high school music education within Waldorf Schools

This article discusses the contribution of music education in high school to the whole development of the human being, within the perspective of Waldorf Education. The study took place over a period of 18 years, during which the author worked as a music teacher at Colégio Waldorf Micael in São Paulo, and focuses on two main practices: choral singing and composition and improvisation activities. We will see how such practices lead to the finding of one's own voice while, at the same time, learning to listen to other voices. In order to follow this path, it was necessary to briefly address the concept of adolescence, Rudolf Steiner's view of this specific phase of life and the challenges of contemporary times.

Keywords: choral singing, creative practices, music education, Waldorf education.

Eu sempre achei que eu não cantava bem, e que esse não era um lugar para mim. Porém, fui entender um pouco depois que, em um coro, todos têm voz, todos têm o seu lugar. É só pelo “pequeno lugar” que cada um assume que existe um todo. (Aluno1, 11º ano D.)¹

O tema do presente artigo nasceu justamente de um caminho percorrido de maneira prática a partir da minha atividade profissional no Coral do ensino médio do Colégio Waldorf Micael, de São Paulo, desenvolvida de 2001 a 2018, como professora e regente. No dia a dia em sala de aula, ao passar dos anos, pude observar a riqueza de experiências e a força de atuação da música como agente ativo na educação integral do ser humano. Assim, apresento aqui duas formas de atuação: o canto coral, e as atividades no terreno da criação musical e criatividade.

A prática do canto coletivo implica no ensino da musicalização em diversos aspectos, tais como: solfejo e compreensão de uma partitura, desenvolvimento da voz através da técnica, integração e inclusão sociais, aumento da autoestima dos alunos, aquisição de conhecimentos históricos e estéticos através do repertório, desenvolvimento artístico, e a formação de um público mais atento e consciente. Essas características são aprendidas por imitação, repetição, e trazem conhecimentos relevantes no âmbito da aquisição da linguagem musical.

Do outro lado, temos as atividades ligadas à criação musical, improviso e composição. Essas também instrumentalizam os jovens para o aprendizado da linguagem, além da valorização da contribuição individual, gerando uma diferente qualidade de comprometimento do grupo. De acordo com o compositor e professor Silvio Ferraz: “compor é expressar algo de si, é ressignificar, buscar um outro modo de ver as coisas” (FERRAZ, 2005, p. 23). Os alunos, geralmente, esperam que o professor seja o significador, o codificador, a pessoa que traz o conhecimento pronto. Ao trabalhar com composição, essa expectativa é quebrada e a aprendizagem acontece através de trocas e aprendizados mútuos. Conforme ressalta a professora e educadora Teca de Alencar Brito, “cabe ao educador facilitar situações para uma aprendizagem autodirigida, com ênfase na criatividade” (BRITO, 2011, p. 33).

¹ A citação dos jovens será feita ocultando os nomes para preservar a identidade do aluno. A série será mantida (na pedagogia Waldorf, o ensino médio tem quatro anos de duração e a contagem continua, correspondendo ao 9º, 10º, 11º e 12º anos). As letras indicam se o aluno é do período diurno (D), ou do período noturno (N). Essa nomenclatura se fará necessária para o presente artigo.

O que foi mais marcante para mim foi a consciência do processo. Porque quando ouvimos uma música não sabemos o que aconteceu para que ela fosse concebida; quanto tempo levou, porque aquela letra, aquele tamanho, a escolha do tema, porque aquela melodia, quantas versões existiram até aquela final. Mas, quando o nosso repertório ia se formando, era engraçado quando a cada música que eu cantava eu sabia muito sobre a maioria das coisas acima e isso foi uma aproximação gigante das pessoas! (Aluno 2, 10º ano D.)

No depoimento anterior, no qual a aluna compara a aprendizagem através de um repertório preestabelecido com o processo criativo, notamos que essa aproximação diminui a distância entre o que o jovem produz musicalmente fora da escola e o que se trabalha em sala de aula, transformando as relações e gerando um forte sentimento de pertencimento.

As duas atividades, cantar no contexto do coral e criar músicas, trazem duas qualidades distintas. O Prof. Dr. Marcelo Petralia usa as palavras “impressão” e “expressão” para designá-las. Por impressão, podemos entender toda a atividade que “vem de fora” e age sobre o aluno de forma estruturadora ao seu impulso musical (PETRALIA, 2012, p. 64); trata-se, portanto, de um processo de apropriação de saberes. Por outro lado, as atividades criativas respeitam o impulso individual de cada aluno e se manifestam de dentro para fora, Petralia as denomina de expressão. A expressão traz um envolvimento maior do aluno e respeita a forma individual de cada um (PETRALIA, 2012, p. 65). Acredito que ambos os termos possam coexistir, tanto em uma como em outra atividade, e que isso está fortemente relacionado à maneira de se conduzir uma aula em que ambos se inter-relacionem.

Por que aprender música? Qual seria a função da música nas nossas vidas?

Não temos o hábito de pensar a música, mas o que todos nós percebemos é que somos profundamente tocados por ela. Ela nos traz lembranças, sentimentos e preenche a vida de significados. Possui sempre essa característica mágica, já que é um elemento invisível aos olhos e que precisa da atuação humana para existir. Sabemos que, desde os primórdios, a música exerce a função de elo com algo sobrenatural. Por exemplo, podemos pensar na presença intensa da música nos rituais religiosos e em como essa presença

pode ser indispensável a esse religar. No decorrer dos séculos, a relação do ser humano com o elemento musical foi se transformando. Se, nos séculos anteriores, a música obedecia a critérios éticos e morais e seu valor era extramusical, sagrado, nos dias de hoje, ela obedece mais a critérios estéticos e comerciais. A indústria do entretenimento aliada aos grandes meios de comunicação acaba ditando o gosto e o consumo das atividades culturais. Nas regiões em que os meios de comunicação de massa ainda não imperam, a música está presente no dia a dia das famílias e nas tradições culturais. Esse conhecimento é passado de geração em geração.

A indústria cultural nesse caso é considerada como modelo único em detrimento da autoexpressão e da tradição cultural. Ela vende a ideia de música como entretenimento e lazer, e é necessário o resgate da discussão sobre a importância da arte – e da música – para o ser humano. (FONTERRADA, 2008, p. 105.)

Há cada vez mais uma falta de atenção por parte da administração pública de que a música e a pedagogia musical sejam importantes para o desenvolvimento da criança e do jovem. Outra questão é que cada vez mais as pessoas se acham menos capazes de produzir música e esta atividade passa a ser destinada aos especialistas: os músicos. Porém, desconsideramos a nossa relação com o mundo sonoro que nos cerca e com a própria expressão musical inata ao humano. “A musicalidade não é propriedade de indivíduos, mas atributo essencial da espécie humana” (ZUCKERKANDL, 1976, p. 7).

Na Europa, no início do século XIX, houve uma mudança de paradigma no sistema educacional. Se, no século anterior, o ensino de música era voltado para a formação de músicos e se resumia na aquisição de técnicas, uma nova corrente de educadores e filósofos passou a defender a ideia de que uma educação musical poderia desenvolver qualidades e sensibilidades humanas. O objetivo não seria formar técnicos, mas, sim, desenvolver integralmente o ser. A educadora musical brasileira Marisa Fonterrada, no entanto, afirma que a música não terá um papel proeminente no sistema educacional enquanto a sociedade como um todo não se convencer de que ela é uma parte necessária, e não periférica, da cultura humana (FONTERRADA, 2008, p. 8). Segundo a educadora, essa compreensão só poderá ser atingida através de um pensar filosófico que traga luz aos motivos de se fazer música.

No Brasil, encontramos a música nos currículos das escolas principalmente no ensino infantil e fundamental.² Porém, no ensino médio, quando ela é oferecida, aparece como atividade extra dentro da chamada educação artística e, muitas vezes, é matéria optativa para o aluno. A pedagogia Waldorf não só inclui a disciplina em todos os anos escolares, como valoriza e compreende a sua importância para o desenvolvimento físico, intelectual, e também para a educação dos sentimentos e da força de vontade.

Na perspectiva da pedagogia Waldorf, proponho ampliar esse diálogo no sentido de perceber quais seriam as ferramentas para desenvolver o jovem nos contextos individuais e sociais por meio de uma educação musical, utilizando principalmente a voz e o corpo como instrumentos.

Adolescência e mundo contemporâneo

O conceito de adolescência para determinar uma etapa da vida surgiu na cultura ocidental no final do século XIX (COUTINHO, 2009). Antes disso, a transição da infância para a vida adulta se dava mais imediatamente ou através de rituais de passagens. Durante as primeiras décadas do século XX, psicólogos concebiam a adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento, possuindo um caráter universal e abstrato, ligada mais às mudanças biológicas e sociais inerentes ao desenvolvimento humano; “a adolescência não só foi naturalizada, mas também percebida como uma fase difícil, uma fase do desenvolvimento semi-patológica, que se apresenta carregada de conflitos naturais” (BOCK, 2007, p. 64). Em outra linha de estudos, psicólogos e psicanalistas como Leontiev, David Levinsky e Adélia Clímaco consideram que, além da natureza biológica natural, encontram-se também os fatores sociais, históricos e culturais. O desenvolvimento humano natural pode ser facilitado ou dificultado pelo ambiente externo.

Os processos de natureza biopsicossocial que ocorrem no curso de vida de um ser humano configuram um processo de via dupla: os seres afetam e são afetados pelo contexto histórico (caracterizado pela dimensão do tempo) e social (caracterizado pela presença e a influência

² A lei n. 11.769/2008 tornou obrigatório o ensino de música na educação básica das escolas públicas e privadas, porém, não há políticas públicas nacionais que garantem a implementação da lei.

de outros sociais, relacionados aos diversos ambientes onde cada um vive. (OLIVEIRA, 2018, p. 5.)

Essa perspectiva sociocultural e histórica de constituição da adolescência revela-se claramente no Colégio Waldorf Micael desde o ano de 2013, quando a escola abre o ensino médio noturno gratuito para os jovens do bairro Jardim Boa Vista, em São Paulo, vindos de colégios públicos. Veremos algumas considerações adiante sobre o projeto.

Rudolf Steiner³ nos chama atenção para a importância de olharmos para o ser humano como um todo, a partir da perspectiva de que somos formados por corpo, alma e espírito. “A vida inteira é uma unidade, não devemos olhar só a criança, mas sua vida inteira” (STEINER, 2005, p. 5).

Não é a intenção deste artigo descrever com detalhes a imagem do ser humano fundamentada na antroposofia, mas apenas situar o leitor para que compreenda com clareza os processos que ocorrem na adolescência, segundo esse ponto de vista. Steiner tem um olhar desenvolvimentista para a biografia humana, trazendo a ideia de fases da vida dividida por ciclos de sete anos, os setênios. Segundo ele, a cada setênio, despertamos forças adormecidas para adquirir novas capacidades físicas, emocionais e mentais, que nos proporcionam um desenvolvimento harmonioso.

É justamente o 3º setênio que corresponde ao ensino médio. Esse momento de transição para a puberdade Steiner chama de “transição do simples conhecimento para a razão” (STEINER, 1996, p. 10) ou o momento em que nasce na alma o impulso de transformar tudo o que a ela chega em julgamento. As relações se transformam e “ele compara a todo momento o mundo que anteriormente tinha dentro de si, com esse novo mundo que ele agora adentra” (STEINER, 2008, p. 231). “O jovem exige explicação e motivos buscando reintegrar-se novamente e fundamentar sua existência” (STEINER, 2008, p. 232). Esses novos vínculos precisam ser encontrados de maneira autônoma. “Se for imposto mediante autoridade não terá valor algum para o ser humano na vida” (STEINER, 2008, p. 233). Steiner destaca, na observação desse momento da vida, a importância do educador estar atento às mudanças do mundo contemporâneo.

³ Rudolf Steiner (1861-1925), doutor em filosofia, atuou como filósofo, jornalista e pedagogo. A partir de 1900, desenvolveu uma ampla atividade como conferencista e escritor, no intuito de expor o resultado das suas pesquisas, que caracterizou como científico-espirituais, de início, no âmbito da sociedade teosófica, e mais tarde, na sociedade antroposófica fundada por ele.

Um conhecimento do ser humano em sentido aprofundado só é possível com base em um abrangente conhecimento do mundo (...). Portanto, sempre se pode afirmar que uma época, na questão da educação e o ensino, possui a visão e as ideias resultantes de seu conhecimento do mundo. (STEINER, 2008, p. 25.)

Dentre os grandes desafios que a atualidade nos apresenta, estão as novas tecnologias e as mídias sociais. Se um indivíduo se desenvolve também a partir de suas relações com o mundo social e cultural, é preciso ter coragem de olhar para a realidade. Este universo tecnológico está muito mais próximo das novas gerações, e sofreu intensas e rápidas transformações na última década. Não pretendo avaliar o quão bom ou ruim é este cenário, apenas aceitá-lo como um desafio da contemporaneidade e buscar compreender o fenômeno. A música, a tecnologia a internet e as mídias sociais integram o cotidiano das pessoas, especialmente dos jovens, e representam componentes importantes de suas vidas para a busca de identidade e a socialização.

A maior fonte de consumo da música são os celulares, por meio das plataformas digitais, tais como YouTube, Itunes, Spotify etc. No entanto, este consumo não ocorre de forma passiva e isolada. Cada vez mais, buscam-se formas e maneiras de participação interativa na escuta e produção musical. Essas músicas são compartilhadas, criam-se grupos por afinidades e a relação se dá em tempo real. No âmbito da participação ativa, álbuns como o *Biophilia*, lançado em 2011 na forma de um aplicativo pela cantora e compositora islandesa Björk, possibilita quem está ouvindo escolher os elementos musicais que deseja, criando um arranjo próprio para as canções. Também é possível pelo aplicativo compor um novo arranjo a partir da voz solo. Estas criações podem ser compartilhadas entre o grupo de fãs. O aplicativo possui um *layout* próximo de um *game* e oferece inúmeras possibilidades de se vivenciar a música. Essa nova maneira de escuta instiga uma transformação também na produção musical. As conexões em tempo real permitem não apenas o acesso a obras musicais e informações sobre músicos, mas também o fazer música juntos, seja criando, improvisando ou executando repertórios já conhecidos e disponíveis (SOUZA e FREITAS, 2014, p. 61). Se, por um lado, temos ao alcance das mãos uma impressionante abrangência de saberes, por outro lado, os estímulos audiovisuais são excessivos. O tempo que se passa superficialmente na frente das telas é cada vez maior, e

esse excesso também gera uma síndrome de imediatismos e uma necessidade viciante de constantes atualizações. Se reconhecermos essa nova dinâmica de relações pessoais e aquisição de conhecimento, poderemos, como educadores, nos aproximarmos desse universo e conduzir essas práticas para um desenvolvimento mais saudável. Na sala de aula, o professor tem o papel de reforçar os vínculos humanos e propiciar encontros e atividades sociais no âmbito físico real. Essas experiências podem transformar a interação virtual, melhorando a qualidade das pesquisas. A música pode contribuir imensamente neste sentido. A prática de um instrumento, a participação em uma banda ou coro, a ida a shows são vínculos reais muito apreciados pelos jovens. O exercício da força de vontade para aprender um instrumento e a consciência de que processos levam tempo e necessitam de aprofundamento são grandes conquistas para a atualidade.

De acordo com Koellreuter, “O mundo virtual criou seus próprios meios de expressão. Estes surgiram inteiramente de seu mundo material e mental. A questão agora é conquistá-lo e colocá-lo sob controle do espírito artístico (KOELLREUTER, 1997, p. 96).

A vivência do canto e do canto coral nas escolas Waldorf

Cantar é ouvir muito mais do que sua própria voz! É assustador! Maravilhosamente assustador! (Aluno 3, 11º ano D.)

O canto é uma das disciplinas que perpassa todos os anos escolares e não se concentra apenas nas aulas de música, ele se expande para as demais disciplinas e atividades escolares. Devemos ter em mente que o objetivo da pedagogia Waldorf é a formação do ser humano de maneira integral. O trabalho realizado nas aulas de música não tem como objetivo formar músicos, e sim, contribuir para o desenvolvimento saudável das crianças e dos jovens.

Para Rudolf Steiner, o homem é um ser dotado de pensamentos, sentimentos e força de vontade para agir no mundo. Estas três qualidades ou potências devem ser contempladas pela educação de modo orgânico. A educação musical e as artes em geral podem contribuir nestes três âmbitos de maneira eficaz.

Embora todas as escolas Waldorf tenham este olhar antroposófico em comum, cada uma é livre nas suas escolhas e possui particularidades específicas. Sendo assim, esse relato está baseado nas minhas experiências como ex-aluna

da Escola Waldorf Rudolf Steiner (1985-1997) e como docente no Colégio Waldorf Micael (2001-2018). Essa descrição se restringe unicamente ao trabalho vocal. Deixarei de lado todo o trabalho realizado com instrumentos, pois o objetivo é compreender o canto no ensino médio.

A vivência da voz e do canto coletivo se dá desde o início da trajetória escolar no maternal. Neste âmbito da educação infantil, toda uma atmosfera é cuidadosamente criada para respeitar esse universo da primeira infância. A voz cantada é diferente da voz falada e é sentida por todo o corpo da criança. As atividades acontecem em movimento. A criança explora o seu corpo sonoro e os objetos que estão a sua volta. Nesse movimentar exploratório, ela forma seu corpo físico. As crianças cantam junto às professoras, aprendem por imitação, mas também cantam espontaneamente ao brincarem ou realizarem alguma atividade proposta, como fazer o pão, arrumar a sala etc. Esse canto pode conduzir também aos momentos de introspecção e concentração, como no caso de uma história, ou também de expansão para uma roda rítmica ou brincadeiras ao ar livre. As crianças, aos poucos, aprendem a ouvir umas às outras e a professora. Este cantar coletivo harmoniza o grupo, gera um ambiente de acolhimento e um sentimento de pertencimento.

Nos primeiros anos do ensino fundamental, as atividades musicais realizadas pelos professores de classe remetem às atividades do jardim, porém são conduzidas de forma que as atividades rítmicas possam ser cada vez mais interiorizadas. Por ritmo, refiro-me à pulsação musical, às diferenças de andamento – rápido ou lento – ao fluxo da corrente respiratória nas frases musicais, às polaridades som e silêncio, ao saber o tempo de ouvir e de cantar. Nas aulas de música, surge o professor especialista que, de maneira lúdica conduz a sala à compreensão dos elementos anteriormente mencionados. Esse professor inicia o processo de musicalização a partir das vivências e, aos poucos, o repertório se amplia em diversidade cultural, tonalidade e extensão vocal.

É no terceiro ano escolar, por volta dos nove anos de idade, que além dessa atmosfera do todo, o aluno passa a ter também um primeiro sentimento em relação à sua voz própria. É introduzido o cânone,⁴ e o aluno começa a perceber que, mesmo cantando linhas diferentes do seu colega, ele ainda

⁴ Cânone é uma forma musical em que todas as vozes cantam uma mesma linha melódica, porém, cada uma entra após a outra, em momentos distintos da música.

pertence ao todo da classe, uma vez que canta a mesma música. Esse caminho de abertura das vozes segue de maneira gradativa até chegar às quatro vozes tradicionais do canto coral – soprano, contralto, tenor e baixo– por volta do 7º e 8º anos (13 e 14 anos). Esse exercício de conseguir ouvir o diferente, saber a vez de se colocar e, principalmente, saber a vez de se ouvir é precioso para as crianças e para o aprendizado da vida no âmbito social.

É no ensino médio que o jovem tem a maior percepção de si e começa a tecer seus próprios julgamentos. Começa a ter opinião própria e, ao mesmo tempo, busca o pertencimento em grupos de interesse, bandas, times etc. É neste momento que os meninos passam pela famosa mudança de voz.⁵ O corpo está se transformando, algo novo está nascendo e traz consigo uma força por vezes desenfreada, que pode ser muitas vezes interpretada como birra, afronta e rebeldia. Trabalhar o canto ajuda a harmonizar esses processos e também ajuda na busca da voz própria. Eu sou um indivíduo, tenho a minha voz, mas pertenço ao grupo maior de vozes, que nem sempre cantam no mesmo tempo ou a mesma melodia, mas eu aprendo a ouvir, a participar e a conviver.

Coral não é simplesmente cantar, e sim, expandir o que cada um guarda dentro de si. (Aluno 4, 12º ano D.)

Com certeza eu aprendi muito com o coral, como por exemplo, respeitar meus limites e me reconhecer através do diferente. (Aluno 5, 10º ano D.)

A voz carrega em si a identidade mais profunda da pessoa. Portanto, trabalhar com a voz é, antes de tudo, ganhar consciência de si próprio, conhecer seus limites, aprender a ouvir internamente algo que muitas vezes permanece oculto.

Quem trabalha com canto coral, certamente recolhe relatos dos coralistas sobre transformações da percepção e mudanças de comportamento com o exercício do canto.

Acho que evoluí bastante, em questão de afinação, técnica vocal, e principalmente autoconhecimento. Passei a conhecer uma parte de mim que eu não conhecia direito, a minha voz, até onde ela chega, como ela trabalha, seus pontos fracos e fortes. (Aluno 6, 10º ano N.)

⁵ Crescimento e alargamento da laringe e pregas vocais que tornam as vozes mais graves, mudança especialmente notada nos meninos.

Aqui na escola, tiveram momentos que me senti à vontade, pela primeira vez, para expor a minha voz (canto), e minha fala (opinião). (Aluno 7, 12º ano D.)

É justamente na adolescência que o ser humano vive profundas transformações biológicas, psíquicas e emocionais. As percepções se ampliam nos âmbitos pessoais e sociais. Se levarmos em conta essas considerações, essa busca pela voz própria se torna essencial. Alguns jovens, nessa fase, se fecham totalmente, outros, tendem a extrapolar e se expõem demais, mas ambos têm em comum a presença constante de conflitos internos e externos em uma busca pela própria identidade. Criticam, julgam, questionam, desobedecem. Para além da rebeldia adolescente, há um movimento maravilhoso de transmutação, de quebrar a antiga casca e ganhar asas para um novo momento de vida ou uma nova percepção da realidade. Sobre esta fase do desenvolvimento humano, Rudolf Steiner traz a seguinte colocação:

A partir da puberdade é preciso ter bem claro que o ser humano traz ao nosso encontro um novo ser, nascido de seu relacionamento com o mundo; que agora o senso de autoridade já não exerce papel algum, e que antes de mais nada o adolescente, ao deparar-se com algo que lhe é proposto, exige a explicação dos motivos. (STEINER, 2008, p. 232.)

Steiner fala desse novo nascimento que carrega uma ampliação da visão de realidade e que leva o jovem a uma busca por integrar-se neste mundo e conseguir fundamentar sua existência. Sendo assim, nós, como educadores, deveríamos trazer o mundo contemporâneo para a sala de aula e auxiliarmos na criação desses vínculos entre os jovens, sua existência pessoal e os sentidos que sua vida pode adquirir.

Até agora procurei traçar um raciocínio com base em uma vivência completa na escola Waldorf. Mas, e o jovem que ingressa nesta escola apenas no ensino médio? Como se dá essa trajetória de apropriação e reconhecimento da voz? Todo esse processo precisa ser feito, porém, quando cantamos em grupo, as vozes têm como característica ajudarem-se mutuamente. Desta forma, quem nunca cantou, ao cantar ao lado de uma voz mais experiente, aprende mais rápido. Esta é a beleza do canto coletivo. Neste sentido, o Colégio Micael tem uma particularidade muito especial: o ensino médio no período noturno

para os jovens das comunidades carentes próximas à escola. Estes jovens nunca fizeram aulas de canto, tampouco tiveram alguma outra experiência com música, salvo os alunos que frequentam igrejas evangélicas ou católicas. A seguir, exporei brevemente como por meio de tais características transformei o meu pensar sobre a educação musical ao abraçar esse projeto.

Sobre o Colégio Waldorf Micael de São Paulo

“A música empregada pedagogicamente é a poção mágica para o desenvolvimento da vida social”. (STEINER apud FRIEDENREICH, 1990, p. 35.)

O Colégio Waldorf Micael, de São Paulo, está localizado no Jardim Boa Vista, na periferia de São Paulo, na divisa com o município de Osasco. Fundado em 1978, por um grupo de jovens professores e pais, o então novo colégio tinha por princípio adaptar a pedagogia alemã à realidade sociocultural brasileira, além de estender a todos a oportunidade de participar dessa forma de ensino. O princípio social também esteve presente na criação da primeira escola Waldorf, em 1919, para filhos dos funcionários da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria, em uma Alemanha devastada pela Primeira Guerra Mundial.

Os muros do colégio Waldorf Micael sempre separaram realidades bem distintas. Sendo assim, desde o início, o colégio procurou integrar-se e trabalhar junto à comunidade. Em 2013, pensando na expansão do propósito social inicial, deu início ao ensino médio noturno. Vinte e cinco jovens da comunidade passam a estudar neste período com os mesmos professores e a mesma pedagogia oferecida no período diurno. Apesar de compartilharem o mesmo espaço, os jovens pertencentes às duas realidades socioeconômicas diversas não tinham oportunidade de se encontrarem, pela diferença dos horários. A proposta de juntar as turmas nas aulas de coral foi a primeira tentativa de integrar os jovens. Desta maneira, o projeto do ensino médio noturno foi um grande desafio. A bolha de privilégios da classe média foi rompida e a escola passou a conviver com outras realidades, abrindo, de fato, as portas para a comunidade.

Um coral para todos

Dar aula de música para os alunos do período noturno fez que eu repensasse toda a minha atuação como professora. O início foi desafiador, pois eram

adolescentes provenientes de uma realidade diferente daquela com a qual eu estava habituada a lidar. A falta de estrutura familiar, a necessidade de trabalhar para sobreviver, o cuidar da casa e dos irmãos mais novos despertaram esses adolescentes para a realidade mais concreta da vida, fazendo-os assumirem mais cedo responsabilidades que os alunos da manhã ainda levariam alguns anos para constatarem. Por outro lado, essa consciência despertada mais cedo traz uma força de vontade impressionante em superar limites e aprender, além de um sentimento de gratidão imenso por tudo o que é oferecido. Pude constatar imediatamente que a falta de atividades relacionadas ao movimento e à expressão artística na infância fizeram com que os jovens não tivessem compreensão e abertura para o formato de aula que eu imaginava. Cantar era simplesmente algo impossível. A primeira turma de alunos demonstrou uma resistência que parecia ser intransponível. Quando eu já estava quase desistindo, resolvi mudar o meu pensamento sobre o que seria relevante para mobilizá-los a compreender e participar, efetivamente, da proposta.

O novo ponto de partida foi justamente o ambiente sonoro desses jovens. A partir da música que eles ouviam, comecei a trabalhar com percussão corporal e, aos poucos, fui introduzindo novos repertórios. Em poucos meses, a participação em inúmeras atividades culturais promovidas pela escola transformou o olhar desses jovens. Eles perceberam que cantar, desenhar e dançar eram atividades que faziam parte do cotidiano escolar, não era algo a ser ridicularizado, e que aquela escola de muro verde e muitas árvores valorizava outras coisas além das matérias do vestibular. Um dos recursos que passamos a utilizar nas aulas de música foi o aprendizado do pandeiro. Tradicionalmente, nas escolas Waldorf, os alunos da educação infantil aprendem Kantele,⁶ no primeiro ano começam a aprender flauta doce, e no terceiro ano todos tocam violino. Não cabe a essa pesquisa discutir o porquê de cada um destes instrumentos, bem como sua aplicação em sala de aula. Pensamos que seria uma boa ideia se os alunos do noturno pudessem ter um contato mais aprofundado com um instrumento. Escolhemos o pandeiro por ser um instrumento brasileiro, que poderia se adequar a vários gêneros musicais e a diferentes ritmos. Com essas novas janelas abertas, pudemos, finalmente, começar a cantar.

⁶ Instrumento pentatônico finlandês, utilizado na pedagogia Waldorf na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental.

Esse processo teve início em 2013. Nos anos seguintes, procuramos maneiras de unir as turmas do diurno e do noturno em um mesmo coral. Foi preciso muita coragem, muito desapego e empenho. A ideia era linda, porém, na prática, os desafios eram muito maiores. Preconceitos dos dois lados, falta de compreensão da realidade do outro e, principalmente, falta de compreensão da sua própria realidade foram as dificuldades encontradas. Os alunos provenientes do ensino fundamental Waldorf chegavam lendo partitura e cantando a quatro vozes. Os alunos do noturno, em sua grande maioria, não haviam estudado música anteriormente. Para além da vivência musical, tínhamos a cor da pele, as roupas, as atividades extraescolares, as viagens de férias, as baladas, a marmita do almoço. Tudo era muito diferente e não compreendido. Não havia como forçar uma amizade entre os jovens tão fechados cada um no seu universo particular. Fez-se necessária uma intervenção mais intensa por parte da escola, no sentido de promover aulas conjuntas e encontros que possibilitassem oportunidades de trocas. Faltavam vínculos criados pela convivência e vivências em comum no processo de construção do repertório. Por isso, com o apoio da escola, optamos em juntar, numa mesma sala de aula, turmas de idades equivalentes. Graças a esse movimento coletivo do corpo docente, pudemos apresentar, no ano seguinte, um concerto muito harmonioso.

Eu não gostava da aula de música. Achava que era perda de tempo, algo inútil para aprender em uma escola. Até que cantamos *O Pidido*, do Elomar. Aquela música é tão linda, me identifiquei com ela e aí fui me identificando com as outras também. Hoje eu amo as aulas de música e vou levar o que aprendemos para a vida toda. (Aluno 8, 12º ano N.)

Com as duas turmas enfim juntas na vivência do processo apresentamos, em 2017, uma missa de Wolfgang Amadeus Mozart (KV63 em ré menor) com orquestra. Foi uma importante vivência de algo clássico no sentido universal.

Quem diria que um dia um garoto negro da periferia iria cantar Mozart! Foi gratificante, levarei tudo que aprendi no coração. (Aluno 9, 12º ano N.)

A ação de cantar junto foi muito rica mas, ainda assim, o processo não foi nada tranquilo. Se, por um lado, era possível perceber nos alunos da noite força de vontade, presença e garra em aprender, por outro lado, nos alunos

do diurno, era possível detectar pouca paciência com a ausência de formação musical dos demais. A proposta em desenvolvermos nosso próprio repertório veio para justamente criar a possibilidade de ambos os universos começarem algo juntos desde o início. Quando fazemos uma música, externalizamos nossa personalidade, nossa visão de mundo e nossa individualidade. Proporcionamos ao outro a oportunidade de nos conhecer. Mesmo estando em níveis de musicalização e vivências culturais diferentes, eles perceberam, pelas letras das canções, que possuíam muitas coisas em comum, em especial os conflitos sentimentais e a vontade de transformar o mundo em um lugar melhor.

Criar, um processo inédito para mim. Quando se trata de música, foram horas, dias e meses de um criar em que todos estavam engajados. Nem tudo foi maravilhoso, como normalmente nem tudo deve ser, mas o importante é que tive e tivemos coragem de realizar esse trabalho, que em tempos sombrios como os que vivemos, fez reluzir uma chama que nos traz esperança de que ainda somos capazes de criar algo belo e bonito.

Criar,
 Processo que demanda espírito
 Corpo,
 Coração.
 O criar que molda você,
 Molda o mundo.
 Uma arte, uma canção,
 Um ruído,
 Que a esperança e o amor,
 Nos faz criar.

(Aluno 10, 11º ano N)

O canto coral criativo – relato de uma atividade

Existem muitas maneiras de começar a compor uma canção. Ela pode nascer de um fato, de uma memória, de um tema, de uma melodia, de uma sequência harmônica, ou simplesmente de palavras, que assim como sons, são ordenadas e reordenadas criando algum sentido. Nesse exercício, as canções nasceram de um desenho coletivo.

Figura 1 – Visões de mundo. Desenho coletivo (alunos dos 10º e 11º anos).



Fase 1 – Proposta

Uma cartolina em branco e giz colorido. Cada um dos 40 alunos tinha, ao longo da aula, que colocar algo em uma única tela. Uma contribuição gráfica livre. O traço poderia combinar ou não com o traço anterior. A ideia era preencher o espaço branco do papel comum enorme desenho coletivo.

Ao final, tínhamos um quadro bem eclético, formado por muitas imagens figurativas e abstratas que aparentemente nada tinham em comum.

Eu então perguntei: “Vocês gostaram do nosso quadro?”.

As respostas imediatas foram negativas. O quadro incomodava porque parecia não ter coerência no traço, no estilo ou ao menos uma forma. Resposta de um aluno: “Ele está horrível, nada combina com nada. Tem figuras flutuantes desconexas” (informação verbal).⁷

Até que uma aluna levantou a mão e se mostrou favorável ao desenho. Esse novo olhar transformou o ângulo de visão de toda a sala. Seguem alguns relatos:

Esse desenho é como se fosse a vida. Tem o mundo no meio. O lado esquerdo tem várias cores suaves abstratas como se fossem nossos sonhos, desejos, tudo aquilo que nos faz bem. Quando olhamos para direita e para cima, começam a aparecer coisas mais confusas. Tem também um furacão, então é como se toda essa poluição e o mal talvez a ganância. Estes dois lados estão em conflito representando o que vivemos no mundo (informação verbal).

⁷ Esses depoimentos foram gravados durante a aula.

Tem dois lados, e sem esses dois opostos, não teria o mundo que a gente vive (informação verbal).

A partir dos inúmeros relatos, pedi aos alunos que escrevessem individualmente algo sobre sua visão do desenho. Uma poesia ou uma descrição. Ao todo, foram produzidos 48 textos. Seguem dois exemplos:

Poema 1

Do mundo surge tudo
Pensamento
Abstrato
Concreto
Mas o mundo chora
Chora em falta
Todo mundo mudo
Mudo não muda o mundo

Poema 2

Consciente Terra
Consciência onipresente erra
Formas loucas retas indefinidas
Vidas cinzas ou coloridas
Ideia alienígena me invade
Espiral incompreensível
Religiões, países
Motivos tristes ou felizes
Quem se restringe erra, consciência livre
É pensamento Terra.

A fase seguinte foi a seleção dos textos que virariam canção.⁸ Escolhemos as poesias que tinham uma forma mais estruturada em estrofes e frases. Separamos as salas em grupos de aproximadamente cinco alunos para começar o processo de musicalização. Os grupos tinham autonomia para trabalharem da maneira que quisessem. Também estavam livres para tocarem instrumentos. Aos poucos, as palavras eram acrescidas de sons. Cada canção demorava de duas a três aulas para ficar pronta.⁹ Algumas delas já eram apresentadas com arranjo vocal. Para o material que era apresentado apenas com a melodia, as professoras sugeriam possibilidades harmônicas que eram experimentadas e escolhidas pelo grupo. À medida que o processo avançava, os alunos se empoderavam das suas criações e nasciam, assim, sentimentos de euforia, satisfação e realização. Ao final do processo, fazíamos uma pequena audição com todas as canções.

Foi um momento bastante especial, conduzido no coletivo e valorizando o respeito na escuta da criação do outro. Ouvir tantas possibilidades,

⁸ O trabalho de composição dos alunos pode ser visto no YouTube, no link: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLns3eRWE1H5z5Sp-ghSzuh2f91jg8UioP>>. Acesso em: 15 set. 2019.

⁹ A duração das aulas no Colégio Micael é de 45 minutos.

riqueza de gêneros, ritmos, arranjos animava ainda mais as turmas para continuarem a compor. E assim, o processo seguinte se tornava cada vez mais rico e profundo.

Reflexões e conclusões

Na descrição desta atividade prática, pudemos ver, através das expressões dos jovens, todas as explicações teóricas mencionadas anteriormente.

Os jovens têm o impulso de não se contentarem com respostas simples, entusiasmo frente às novas descobertas e força para compreender e transformar o mundo, que está em constante mudança.

O canto coral é, ao mesmo tempo, o exercício na busca da voz própria e um aprendizado de escutadas outras vozes. Traz a possibilidade de vivenciar outras culturas, outras línguas, ampliar o repertório e construir algo belo, fruto da força de vontade.

Criar canções é se apropriar dos elementos formativos musicais, refletir sobre a vida, transformar e refazer inúmeras vezes até que surja algo novo, algo individual.

Ao final do 12º ano, espera-se que o aluno tenha coragem e confiança para agir, sabendo que é capaz de transformar e criar algo belo.

A sala de aula é um mundo de infinitas possibilidades. Corpo vivo, nada estático, passível de transformações, percalços, surpresas e todo o tipo de acontecimento. Um grande mar de águas inquietas, correntes vindas de todas as direções em diferentes temperaturas. A grande arte do educador é a de se deixar levar por essa caudalosa riqueza de movimentos e usar sempre a direção das ondas a seu favor e a favor do conhecimento que se pretende transmitir. Um conhecimento maior. Conhecimento de transformação de presença em vida, em troca de saberes e em descobertas profundas sobre si mesmo. Não importa exatamente o conteúdo, mas a forma com que é conduzido e a vitalidade que se tem ao conduzir. A vida ensina vida. O entusiasmo e o amor geram respeito e força de vontade. A paciência gera força de realização, a persistência prepara para os acontecimentos da vida. Improvisar é a grande arte. Abrir um grande ouvido para tudo que está no presente e se valer dessas informações para criar links com o conteúdo que se quer transmitir. Trabalhar com criatividade é justamente se abrir para esse mar infinito. Nadar contra é deixar a energia vital escoar. Afinal,

qual é o grande objetivo de educar? Educar o quê para quê? Educar para tornar-se humano, livre, pleno, capaz e autoconfiante para transformar a si e o mundo.

Música é uma expressão natural ao ser humano e todos os seres se expressam e produzem sons a todo momento. Todo ser humano é compositor e arranjador da sua própria história nessa música que é a vida. Contrastante, inesperada, suave, parada, silenciosa, ruidosa. À medida que assimilamos novas experiências, essa composição se torna mais complexa. É nosso desafio não ficar em um eterno *ritornello*¹⁰ ou viver presos a um refrão. Podemos sempre criar partes A, B, C, D etc., e revisitar, nem que seja na memória, aquele refrão¹¹ que deixou marcas.

Referências

- BOCK, Ana Mercês Bahia. Adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista semestral da Associação de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, v. II, n. 1, 2007.
- BRITO, Teca Alencar. *Por uma educação musical do pensamento: novas estratégias de comunicação*. Tese de doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Comunicação e Semiótica, 2007.
- _____. *Koellreutter educador, o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- COUTINHO, Luciana Gageiro. *Adolescência e errância, destinos do laço social no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nau, 2009.
- FERRAZ, Silvio. *Livro das sonoridades, notas dispersas sobre composição*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios, um ensaio sobre a música e educação*. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.
- JORDÃO, Gisele et al. *A música na escola*. São Paulo: Allucci & associados comunicação, 2012.
- KOELLREUTTER, Hans-Joachim. O ensino da música num mundo modificado. In: KATER, Carlos (Org.) *Educação Musical: Cadernos de Estudo n. 6*. Belo Horizonte: Atravez / EMU-FMG / FEA / FAPEMIG, 1997.
- STEINER, Rudolf. *A arte de educar baseada na compreensão do ser humano*. São Paulo, Federação das escolas Waldorf, 2005.
- _____. *O desenvolvimento saudável do ser humano*. São Paulo: Federação das escolas Waldorf, 2008.
- _____. *Educação na puberdade, o ensino criativo*. São Paulo: Antroposófica, 1996.
- SOUZA, Jusamara; FREITAS, Fátima Quintal de. Práticas musicais de jovens e vida cotidiana: socialização e identidades. *Revista Música em perspectiva*, v. 7 n. 1, jun. 2014, p. 57-80.
- ZUCKERKANDL, Vitor. *Man the musician*. Princeton: Princeton University Press, 1976.

¹⁰ Trecho de uma música repetido constantemente

¹¹ Conjunto de versos repetido constantemente, de fácil memorização.